

*eu
confesso*

Jaume Cabré

*eu
confesso*

TRADUÇÃO DE
Maria João Teixeira Moreno

llll institut
ramon llull
Língua e cultura catalã

L I S B O A
TINTA-DA-CHINA

TABULA

© 2015, Edições Tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

© Jaume Cabré, 2011
Publicado pela primeira vez em catalão
por Raval Edicions, SLU, Proa, 2011
Publicado por acordo com Cristina Mora Literary & Film Agency
(Barcelona, Espanha)

Título original: *Jo Confesso*
Autor: Jaume Cabré
Tradução: Maria João Teixeira Moreno
Revisão: Tinta-da-china
Capa e composição: Tinta-da-china

Fotografia da capa: Xabier Mendiola
(direitos cedidos por Raval Edicions, S.L.U.)

1.ª edição: Abril de 2015
ISBN 978-989-671-256-3
Depósito Legal n.º 389180/15

I. A CAPITE...	9
II. DE PUERITIA	35
III. ET IN ARCADIA EGO	187
IV. PALIMPSESTUS	273
V. VITA CONDITA	457
VI. STABAT MATER	593
VII. ...USQUE AD CALCEM	693
DRAMATIS PERSONÆ	731

para a Margarida

I
A CAPITE...

Eu será nada.
CARLES CAMPS MUNDÓ

I

Até ontem à noite, passeando pelas ruas molhadas de Vallcarca, nunca tinha percebido que tinha sido um erro imperdoável nascer naquela família. De repente, apercebi-me de que sempre estivera sozinho, de que nunca tinha podido contar nem com pais nem com Deus algum, ao qual encomendar soluções, apesar de, à medida que crescia, me ter habituado a delegar em crenças imprecisas e em leituras muito diversas o peso do pensamento e a responsabilidade dos meus actos. Ontem, terça-feira à noite, de regresso da casa de Dalmau, debaixo de uma chuva, cheguei à conclusão que este peso apenas me pertence a mim. E que os meus erros e os meus acertos são da minha inteira e exclusiva responsabilidade. Precisei de sessenta anos para me aperceber. Espero que me entendas e que compreendas que me sinto desamparado, sozinho e cheio de saudades tuas. Apesar da distância que nos separa, tu serves-me de exemplo. Apesar do pânico, agora já não aceito tábuas de salvação para não me afundar. Apesar de algumas insinuações, mantenho a falta de crenças, de sacerdotes, de códigos consensuais que me aplanem o caminho para não sei onde. Sinto-me velho, e a senhora da gadanha convida-me a segui-la. Vejo que mexeu o bispo negro e que, com um gesto educado, me incita a prosseguir a partida. Sabe que estou escasso de peões. Mesmo assim, ainda não amanheceu e penso que peça posso mover. Estou sozinho diante do papel, a minha última oportunidade.

Não te fies em mim. Sei que neste género tão propenso à mentira, como é o das memórias escritas para um único leitor, tenderei sempre a cair de quatro patas no chão, como os gatos: mas vou fazer um esforço para não inventar muito. Tudo se passou assim e ainda pior.

Já sei que devia ter falado contigo há muito tempo; mas era difícil e agora não sei por onde começar.

No fundo, tudo começou há mais de quinhentos anos, quando aquele homem atormentado decidiu solicitar a entrada para o mosteiro de Sant Pere del Burgal. Se não o tivesse feito, ou se o senhor prior Dom Josep de Sant Bartomeu tivesse insistido em negá-la, eu não estaria agora a contar-te tudo isto que te quero contar. Mas não consigo retroceder tanto no tempo. Começo de mais adiante. De muito mais adiante.

— O pai... A ver, meu filho. O pai...

Não, não; também não quero começar por aqui, não. É melhor começar pelo escritório onde estou a escrever, diante do teu impressionante auto-retrato. O escritório é o meu mundo, a minha vida, o meu universo onde quase tudo cabe, excepto o amor. Quando eu corria pela casa de calções e com as mãos cheias de frieiras por causa do frio dos Outonos e dos Invernos, só me era permitido lá entrar em determinadas ocasiões. E eu tinha de entrar sorrateiramente. Conhecia-lhe todos os recantos e construí atrás do sofá um abrigo fortificado, que desmantelava depois de cada incursão para a Lola Xica não o descobrir quando passasse a esfregona. Mas sempre que lá entrava com licença, tinha de me comportar como se fosse uma visita, com as mãos atrás das costas enquanto o pai me mostrava o último manuscrito que encontrei numa loja paupérrima de Berlim, olha, e vê lá onde pões as mãos, não me obrigues a zangar-me. Adrià debruçou-se sobre o manuscrito, muito curioso.

— Está em alemão, não está? — estendendo a mão, como quem não quer a coisa.

— Chuut! Não se vê com os dedos! — Deu-lhe uma sapatada. — Que dizias?

— É alemão, não é? — esfregando a mão dorida.

— É.

— Eu quero aprender alemão.

Fèlix Ardèvol olhou orgulhoso para o filho e disse-lhe em breve começarás a estudar alemão, meu filho.

De facto, não era um manuscrito e sim uma resma de papéis amarelados: na primeira folha, com uma letra muito enfeitada, dizia *Der begrabene Leuchter. Eine Legende*.

— Quem é Stefan Zweig?

O pai, de lupa na mão, distraído a inspecionar uma correcção à margem que havia no primeiro parágrafo, em vez de me responder um escritor, meu filho, respondeu, pois olha, um tipo que se suicidou no Brasil há dez ou doze anos. Durante muito tempo, a única coisa que soube acerca de Stefan Zweig era que se tinha suicidado no Brasil há dez ou doze, ou treze, catorze ou quinze anos; até que li o manuscrito e fiquei a saber um bocadinho quem era.

E então acabou a visita e Adrià saiu do escritório com a recomendação de não fazer barulho: em casa nunca se podia correr nem gritar nem fazer estalar a língua porque quando o pai não estava a estudar um manuscrito com a lupa, estava a rever o inventário de mapas medievais ou a pensar onde podia encontrar novas aquisições de qualquer objecto que lhe fizesse tremer as mãos. A única coisa que me era permitida e que fazia barulho era estudar violino no meu quarto. Mas também não podia perder o dia inteiro a rever o exercício XXIII de arpejos de *O livro dos exercícios da velocidade** que me fazia odiar a Trullols, mas que não me fazia detestar o violino. Não, não odiava a Trullols. Mas ela era muito chata, sobretudo quando insistia no exercício XXIII.

— Digo isso, só para variar um bocadinho.

— Aqui — batia na partitura com o talão do arco — encontras resumidas numa página todas as dificuldades. É um exercício simplesmente genial.

— Mas eu...

— Para sexta-feira, quero o XXIII perfeito, incluindo o compasso 27.

A Trullols às vezes era tão teimosa. Mas em geral, era uma senhora aceitável. E às vezes, mais do que aceitável.

Bernat também pensava o mesmo. Na época em que eu estudava *O livro dos exercícios da velocidade*, ainda não conhecia Bernat. Mas já pensávamos o mesmo da Trullols. Não deve ter ficado na história, que eu saiba, mas devia ser uma grande professora. Acho que tenho de me concentrar, porque estou a baralhar tudo. Sim, haverá coisas que sabes com certeza, sobretudo quando falar sobre ti. Mas há recantos da alma que desconfio que desconheces porque é impossível conhecer totalmente uma pessoa, por muito que.

* O título do livro está em português no original. (N. da t.)

Embora fosse mais espectacular, a loja não me agradava tanto como o escritório de casa. Talvez porque quando lá ia, que eram pouquíssimas vezes, nunca deixava de me sentir vigiado. A loja tinha a vantagem de poder observar Cecília, que era lindíssima; é que estava profundamente apaixonado por ela. Era uma senhora de cabelo loiro galáctico, sempre muito bem penteada e com uns lábios carnudos, de um vermelho furioso. E estava sempre atarefada com os seus catálogos e as suas listas de preços, e a escrever etiquetas, e a atender os poucos clientes que entravam, com um sorriso que lhe fazia mostrar uma dentadura perfeita.

— Têm instrumentos musicais?

O homem nem tirou o chapéu. De pé, diante de Cecília, dava uma vista de olhos em redor: candelabros, cadeiras de cerejeira com um trabalho de marcenaria finíssimo, cadeiras de baloiço de princípios do século XIX, jarrões de todas as medidas e épocas... A mim, nem me viu.

— Temos pouca coisa, mas se quiser vir comigo...

A pouca coisa dos instrumentos que havia na loja eram dois violinos e uma viola que não soavam grande coisa, mas que tinham cordas de tripa milagrosamente inteiras. E ainda uma tuba amolgada, dois fliscornes magníficos e um trompete que o regedor do vale tocava desesperadamente para avisar os habitantes dos outros vales que o bosque de Paneveggiro estava em chamas; e quando isso acontecia, os de Pardàc pediam ajuda aos de Siròr, aos de San Martino e até aos de Welschnofen, que há pouco tinham tido um incêndio, e aos de Moena e aos de Soraga, que talvez já sentissem o cheiro alarmante daquele desastre do ano do Senhor de 1690, quando a terra era redonda para quase todos e, se as doenças desconhecidas, os selvagens sem Deus e os gigantes marinhos e as feras terrestres, o gelo e a tempestade e as chuvas excessivas não o impedissem, os barcos que se perdiam a poente regressavam por levante, com os marinheiros mais magros e esqueléticos, com o olhar perdido e as noites infestadas de pesadelos. No Verão do ano do Senhor de 1690, todos os habitantes de Pardàc, Moena, Siròr, San Martino, todos excepto os prostrados, saíram para assistirem de olhos marejados ao desastre que, a uns mais do que a outros, lhes arruinava a vida. O pavoroso incêndio que con-

templavam impotentes devastara carradas de madeira boa. Quando o inferno se extinguiu com a colaboração de umas chuvas providenciais, Jachiam, o quarto filho de Mureda de Pardàc, o mais expedito, esquadrinhou meticulosamente todo o bosque devastado à procura de cantos poupados pelas chamas e troncos aproveitáveis. A meio da descida para o barranco do Urso, ajoelhou-se para obrar ao lado de um pinheiro jovem carbonizado. Mas o que viu tirou-lhe a vontade de aliviar a tripa: umas tochas resinosas envolvidas num trapo com cheiro a cânfora ou a outra substância estranha. Abriu cuidadosamente aquele trapo poupado ao infernal incêndio que lhe devastara o futuro. A descoberta atordoou-o: o trapo que ocultava as tochas, com uma cor verde-sujo e com uns remates de cordão amarelo ainda mais sujo, era um retalho do gibão que Bulchanij Brocia, o gordo de Moena, costumava usar. Ao encontrar outros dois montes de roupa, estes sim, completamente queimados, Jachiam compreendeu que o monstro de Bulchanij cumprira a ameaça de arruinar a família Mureda e, com ela, toda a aldeia de Pardàc.

— Bulchanij.

— Não falo com cães.

— Bulchanij.

O tom de voz, tétrico, fê-lo virar-se sem vontade. Bulchanij de Moena tinha uma barriga tão grande que, se tivesse vivido mais anos e a tivesse alimentado o bastante, lhe teria dado um jeitão para pousar os braços.

— Que merda queres?

— Onde está o teu gibão?

— E que merda é que tens a ver com isso?

— Porque é que não o tens vestido? Mostra-mo.

— Vai-te cagar. O que é que julgas, lá porque vos deu para o torto, agora nós os de Moena é que temos de fazer tudo o que vocês querem? Hein? — apontando-o com ódio nos olhos. — Nem penses que te mostro. E desopila que me estás a tapar a merda do sol.

Com uma fúria contida, Jachiam, o quarto dos Mureda, desembainhou a navalha de escorchar que trazia sempre à cintura e espetou-a na barriga de Bulchanij Brocia, o gordo de Moena, como se a espetasse no tronco de um ácer a precisar que lhe tirassem a casca.

Bulchanij abriu a boca e esbugalhou os olhos surpreendido, mais do que pela dor, por um merdas de Pardàc ousar tocar-lhe. Quando Jachiam Mureda retirou a navalha, ouviu-se um glu-glu nojento e tingido de vermelho e Bulchanij deixou-se cair na cadeira como se desinchasse pela ferida.

Jachiam olhou para ambos os lados do caminho deserto. Ingenuamente, desatou a correr em direcção a Pardàc. Quando deixou para trás a última casa de Moena, pensou que a corcunda do moinho carregada de roupa molhada que o observava boquiaberta talvez tivesse visto tudo. Em vez de lhe ceifar o olhar, Jachiam limitou-se a acelerar o passo. Mesmo sendo o melhor cantador de madeira, mesmo não tendo feito sequer vinte anos, a vida acabava de lhe dar para o torto.

A família reagiu bem, porque mandou logo gente a San Martino e a Siròr para exhibir as provas de que Bulchanij era um incendiário e lhes tinha queimado o bosque por rancor; mas o povo de Moena pensou que não era preciso meter a Justiça no assunto e preparou-se para, sem intermediários, caçar o desalmado Jachiam Mureda.

— Filho — disse o velho Mureda, com o olhar ainda mais triste que de costume. — Tens de fugir. — E deu-lhe um saco com metade do ouro da poupança de trinta anos a trabalhar com a madeira de Paneveggio. E nenhum dos irmãos piou contra aquela decisão. E, algo cerimoniosamente, o pai acrescentou por muito que sejas o melhor rastejador de árvores e o melhor cantador de madeira, Jachiam, filho do meu coração, o quarto dos filhos desta casa desgraçada, a tua vida vale mais do que o melhor tronco de ácer que alguma vez possamos vender. E assim, também evitas passar a miséria que agora cairá sobre nós porque Bulchanij de Moena nos deixou sem madeira.

— Pai, eu...

— Anda, fuge, despacha-te, vai por Welschnofen, porque andarão de certeza à tua procura em Siròr. Diremos que te escondeste em Siròr ou em Tonadich. É demasiado perigoso ficares nos vales. Tens de fazer uma viagem longa, muito longa, para muito longe de Pardàc. Fuge, filho, e que Deus te guarde.

— Mas, pai, eu não quero ir-me embora. Quero trabalhar no bosque.

— Queimaram-nos o bosque. Em que é que vais trabalhar, rapaz?

— Não sei, mas morro se deixar os vales!

— Se não fugires esta noite, sou eu que te mato. Percebeste agora?

— Pai...

— Ninguém de Moena há-de pôr as mãos num filho meu.

E Jachiam dos Mureda de Pardàc despediu-se do pai e beijou, um a um, todos os irmãos: Agno, Jenn, Max e as esposas; Hermes, Josef, Theodor e Micurà; Ilse, Erica e os maridos; e depois, Katharina, Matilde, Gretchen e Bettina. Tinham-se juntado todos para uma despedida silenciosa e Jachiam já estava à porta quando a pequena Bettina o chamou e ele virou-se e viu que a menina estendia a mão com a medalha de Santa Maria dai Ciüf de Pardàc, a medalha que a mãe lhe dera antes de morrer. Em silêncio, Jachiam olhou para os irmãos e fitou o pai, que lhe fez um gesto silencioso com a cabeça. Depois, aproximou-se da pequena Bettina, pegou na medalha e, sem saber que as suas palavras se tornariam realidade, disse-lhe minha pequerrucha, terei esta jóia sempre comigo até morrer. E Bettina pôs-lhe ambas as mãos na cara, sem chorar. Jachiam saiu de casa com os olhos rasos de lágrimas, murmurou uma breve oração diante da campa da mãe e desapareceu na noite a caminho das neves eternas para mudar de vida, mudar de história e de recordações.

— Só têm isto?

— Este estabelecimento é uma casa de antiguidades — respondeu Cecília com aquele ar severo que envergonhava os homens. E com uma pitada de ironia: — Porque não procura num luthier?

Eu gostava de ver Cecília zangada. Ainda ficava mais bonita. Ainda mais bonita do que a mãe. Do que a mãe naquela época.

De onde eu estava, conseguia ver o escritório do senhor Berenguer. Ouvi Cecília acompanhar o cliente desiludido, ainda com o chapéu na cabeça, e quando se ouviu a campainha da porta e o passe-bem de Cecília, o senhor Berenguer levantou a cabeça e piscou-me o olho.

— Adrià.

— Diga.

— Quando é que te vêm buscar? — perguntou, levantando a voz.

Eu encolhi os ombros. Nunca percebia bem onde devia estar. Os pais não queriam que ficasse sozinho em casa e levavam-me para a loja quando todos saíam. Eu gostava, porque me entretinha a observar os objectos mais inimigáveis do mundo, ali pacientemente repousados,

à espera de uma segunda, terceira ou quarta oportunidade. E imaginava que tinham passado por casas diferentes e divertia-me muito.

Era Lola Xica que acabava sempre por me vir buscar a correr, pois tinha de fazer o jantar e ainda nem tinha começado. Por isso encolhi os ombros quando o senhor Berenguer me perguntou quando te vêm buscar.

— Vem cá — disse, levantando uma folha em branco. — Senta-te à mesa Tudor e desenha um bocadinho.

Nunca gostei nada de desenhar, não sei porquê; não faço ideia. Por isso sempre admirei o teu jeito, que me parece um milagre. O senhor Berenguer dizia desenha um bocadinho porque lhe custava ver-me ali sem fazer nada, o que não era verdade, porque eu passava o tempo a pensar. Mas não se pode contrariar o senhor Berenguer. O caso é que, sentado à mesa Tudor, tentava fazer fosse o que fosse para que ele se calasse. Tirei o Águia Negra do bolso e tentei desenhá-lo. Pobre Águia Negra, se se visse no papel... A propósito, naquele momento, Águia Negra ainda não conhecia o xerife Carson, porque eu o tinha adquirido naquela mesma manhã, numa troca com Ramon Coll, que ficou com a minha harmónica Weiss. Se o pai souber, mata-me.

O senhor Berenguer era muito especial; dava um bocadinho de medo quando sorria e tratava Cecília como se fosse uma criada inútil, coisa que nunca lhe perdoei. Mas era quem sabia mais coisas do pai, o meu grande mistério.

2

O *Santa Maria* chegou a Ostia na madrugada enevoada da segunda quinta-feira de Setembro. A travessia, desde Barcelona, fora pior do que qualquer das viagens de Eneias em busca do seu fado e da glória eterna. Neptuno não fora benévolo para com ele, e a bordo do *Santa Maria*, além de dar comida aos peixes, mudara-se-lhe a cor da pele que, de morena e saudável como a de qualquer camponês de La Plana que se preze, passara a pálida como a de uma aparição mística.

Monsenhor Josep Torras i Bages decidira por iniciativa própria que, atendendo às excelentes qualificações daquele seminarista inteligente, entregue ao estudo, piedoso, educado e culto, embora jovem, tinham nas mãos uma flor preciosa necessitada de um jardim esplendoroso; uma flor que, permanecendo na humilde horta do seminário de Vic, feneceria e acabaria por delapidar aquela inteligência natural com que Deus o presenteara a rodos.

— Não quero ir para Roma, monsenhor. Quero consagrar-me ao estudo porq

— Precisamente por isso te mando para Roma, meu filho. Conheço bem o nosso seminário e sei que uma inteligência como a tua é um desperdício num lugar como este.

— Mas, monsenhor...

— Deus reserva-te altos desígnios. Os teus professores pedem-mo encarecidamente — disse, brandindo um pouco teatralmente o documento que tinha na mão.

Nascido na herdade de Can Ges, na vila de Tona, no seio de uma família exemplar, filho de Andreu e Rosalia, aos seis anos era já possuidor da preparação escolar e da determinação necessárias para enveredar pela carreira eclesiástica, entrando no primeiro ano de Cultura Latina, sob os auspícios de monsenhor Jacint Garrigós. Foram de tal forma notáveis e céleres os seus progressos académicos, que se estreou na Retórica com uma dissertação sobre a célebre *Oratio Latina*, que como vós, monsenhor, bem sabeis por experiência própria, pois tivemos o gáudio de vos ter como pupilo neste seminário, é um dos primeiros actos literários com que os professores presenteiam os discentes que mais se destacam e demonstram grande capacidade para a dissertação. Però semelhante distinção excedia os seus onze anos e, sobretudo, a sua ainda franzina estatura. Por tal razão, muito embora os ouvintes conseguissem ouvir o grande retórico Fèlix Ardèvol dissertar com toda a propriedade na língua de Virgílio, foi necessário um escabelo de altura considerável para que o párvulo e circunspecto orador pudesse ser visto pelo público, entre o qual se encontravam uns emocionados progenitores e irmão. Assim entrava Fèlix Ardèvol y Guiteres na senda dos excelsos e egrégios académicos em Matemática, Filosofia, Teologia, e se colocava à altura de ilustres alunos deste seminário como os insignes padres Jaume Balmes y Urpià, Antoni Maria Claret y Clarà, Jacint Verdaguer y Santaló, Jaume Collell y Bancells, o professor Andreu Duran ou vossa ilustríssima eminência, que nos honrais na qualidade de bispo da nossa benquista diocese.

Que a virtude do nosso agradecimento se estenda também aos nossos antepassados. Deus Nosso Senhor convida-nos: «*Laudemus viros gloriosos et parentes nostros in generatione sua*» (Eccli., 44,1). É por aqueste motivo que estamos convictos de não nos equivocarmos pedindo-vos emotivamente que concedais ao seminarista estudante Fèlix Ardèvol y Guiteres autorização para frequentar o curso de Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana.

— Não tens alternativa, meu filho.

Fèlix Ardèvol não se atreveu a dizer que detestava barcos, que nascera e sempre vivera em terra firme, longe do mar. Por isso, por não ser capaz de contrariar o bispo, teve de empreender aquela penosa viagem e entre caixas de madeira meio podres, infestadas de ratazanas,

num canto do porto de Ostia, vomitou a sua impotência e quase todas as recordações do passado. Respirou fundo durante alguns segundos, soergueu-se, limpou a boca com um lenço, sacudiu energicamente a sotaina da viagem e olhou para o seu futuro esplendoroso. Fosse como fosse, qual Eneias, tinha chegado a Roma.

— Este é o melhor quarto da residência.

Fèlix Ardèvol virou-se, surpreendido. No umbral da porta, um estudante baixinho e um pouco rechonchudo, vestido com um hábito dominicano e a pingar de suor, sorria afavelmente.

— Félix Morlin, de Liège — disse o desconhecido, dando um passo para o interior da cela.

— Fèlix Ardèvol. De Vic.

— Oh! Um homónimo! — exclamou, rindo e estendendo-lhe a mão.

Simpatizaram imediatamente. Morlin confirmou-lhe que aquele era o quarto mais desejado da residência e perguntou-lhe quem era o seu padrinho. Ardèvol teve de dizer-lhe que não tinha padrinho; e que, ao ver os papéis, o contínuo careca e gordo da recepção tinha dito Ardèvol?, o cinquantaquattro, e sem o fitar lhe dera a chave do quarto. Morlin não acreditou, mas riu-se com vontade.

Precisamente uma semana antes de o ano lectivo começar, Morlin apresentou-o aos oito ou dez estudantes do segundo ano que conhecia, e aconselhou-o a não se dar muito com os que não estudavam na Gregoriana ou no Instituto Biblico porque seria uma perda de tempo; mostrou-lhe a maneira de sair despercebido, sem ser visto pelo Cérbero, preveniu-o que tivesse sempre roupa de laico preparada para o caso de terem de passear incógnitos e foi o guia dos caloiros do primeiro ano, aos quais mostrou os edifícios singulares existentes ao longo do caminho mais curto entre a residência e a Pontifícia Università Gregoriana. Falava um italiano tingido de sotaque francês, mas totalmente compreensível. E fez-lhes um discurso sobre a importância de manter a distância em relação aos jesuítas da Gregoriana porque, se não estiveres atento, dão-te a volta à cabeça. Assim, zás!

Na véspera do início das aulas, todos os estudantes novos e antigos, de todas as proveniências, se reuniram na enorme aula magna do

Palazzo Gabrielli-Borromeo na Gregoriana, e, num latim perfeito, Daniele D'Angelo, S.J., o Pater Decanus da Pontificia Università Gregoriana del Collegio Romano, apelou aos alunos que tomassem consciência da grande sorte, do grande privilégio que têm por poderem estudar em qualquer das faculdades da Pontificia Università Gregoriana, etc., etc., etc. Temos tido a honra de acolher estudantes ilustres, alguns deles, santos padres, o último dos quais foi o saudoso papa Leão XIII. Não vos exigimos mais do que esforço, esforço e esforço. Para aqui, vem-se estudar, estudar, estudar e aprender com os melhores especialistas em Teologia, Direito Canónico, Espiritualidade, História da Igreja, etc., etc., etc.

— O pater D'Angelo é conhecido por D'Angelodangelodangelo — segredou-lhe Morlin, como quem transmite uma informação preocupante.

E quando tiverem acabado os estudos, dispersar-se-ão pelo mundo, regressarão aos respectivos países, seminários, colégios das vossas ordens; os que ainda não o são, serão ordenados presbíteros e farão frutificar o que lhes tiver sido ensinado nesta casa. Etc., etc., etc., durante mais quinze minutos de avisos práticos, talvez não tão práticos como os de Morlin, mas necessários para o dia-a-dia. Fèlix Ardèvol pensou que podia ter sido pior; que às vezes, as orationes latinae de Vic eram mais aborrecidas do que o manual de instruções com muito senso comum que acabava de lhes ser servido.

Os primeiros meses do ano lectivo, até passado o Natal, decorreram sem sobressaltos. Fèlix Ardèvol admirou sobretudo a lucidez do pater Faluba, um jesuíta meio eslovaco, meio húngaro com uma cultura bíblica infinita, e o rigor intelectual do muito rígido pater Pierre Blanc, que ensinava a revelação divina e a sua transmissão à Igreja, e que, muito embora também tivesse nascido em Liège, reprovava o seu amigo Morlin no exame sobre as aproximações à teologia mariana, tema escolhido pelo próprio Morlin. Por estar sentado ao seu lado em três cadeiras, Fèlix Ardèvol foi ganhando confiança em Drago Gradnik, um gigante esloveno, vindo do seminário de Liubliana, com a cara vermelha e pescoço de touro largo e poderoso, que parecia querer

rebenotar o colarinho. Falavam pouco, embora dominassem o latim. Mas eram ambos tímidos e tentavam investir as respectivas energias a atravessar as inúmeras portas que o estudo lhes abria. Quanto mais Morlin se queixava e ampliava o seu círculo de contactos e amizades, mais Ardèvol se trancava na cinquantaquattro, a melhor cela da residência, e descobria novos mundos no estudo paleográfico dos papiros e outros documentos bíblicos, escritos em demótico, copta, grego ou aramaico, que o pater Faluba lhes facultava, além de os instruir na arte de admirar os objectos. Um manuscrito despedaçado, insistia, é inútil para a ciência. Se for preciso restaurá-lo, tem de ser restaurado, custe o que custar. E o papel do restaurador é tão importante como o do cientista que o há-de interpretar. E nunca dizia etc., etc., etc., porque sabia sempre de que falava.

— Disparates! — sentenciou Morlin, quando lho contou. — A estes basta-lhes. — Estes, com uma lupa na mão e papéis roídos e húmidos sobre a mesa, já são felizes.

— Eu também.

— Para que é que servem as línguas mortas? — perguntou num latim empolado.

— O pater Faluba explicou-nos que nós os homens não habitamos num país; habitamos numa língua. E que recuperando línguas antigas...

— Sciocchezze. Stupiditates. A única língua morta que está vivinha da silva é o latim.

Estavam no meio da Via di Sant'Ignazio. Ardèvol, protegido pela sotaina, e Morlin, pelo hábito. Pela primeira vez, Ardèvol olhou para o amigo com estranheza. Parou e perguntou-lhe, perplexo, em que acreditava. Morlin também parou e respondeu-lhe que se tinha tornado frade dominicano pelo seu profundo anseio de ajudar os outros e de servir a Igreja. E que nada o afastaria do seu caminho; mas que servir a Igreja não era estudar papéis meio podres, e sim fazer coisas práticas, influenciando nas pessoas que influíam na vida de... Calou-se e, de repente, acrescentou: etc., etc., etc., e ambos desataram a rir. Naquele momento, e pela primeira vez, Carolina passou perto deles, sem que se apercebessem. E assim que chegava a casa com Lola Xica, eu tinha de estudar violino, enquanto ela preparava o jantar e o resto da casa ficava às escuras. Não me agradava nada aquela escuridão porque, a qualquer

momento, podia aparecer algum malvado atrás de uma porta e era por isso que eu andava com o Águia Negra no bolso, pois há anos que o pai decidira acabar com medalhas, escapulários, estampas e missais lá em casa, e Adrià Ardèvol, pobrezinho, precisava de uma espécie de ajuda invisível. E certo dia, em vez de estudar violino, fiquei na sala, aparralhado a contemplar o sol que desaparecia pelo poente, pelos lados de Trespui, iluminando com uma coloração mágica a abadia de Santa Maria de Gerri do quadro que havia sobre o aparador da sala de jantar. Sempre a mesma luz que me atraía e me fazia imaginar aventuras impossíveis, e não ouvi abrir a porta da rua nem ouvi mais nada até a voz grossa do pai me pregar um susto monumental.

— O que fazes aqui a perder tempo? Não tens deveres? Não tens violino? Não tens nada? Hein?

E Adrià foi para o quarto, com o coração ainda a fazer pum-pum, sem sentir inveja das crianças que recebiam beijos dos pais, porque pensava que isso não existia em lado nenhum.

— Carson, apresento-te Águia Negra. Da valente tribo dos arapaho.

— Olá!

— Hug!

Águia Negra deu um beijo ao xerife Carson como o pai nunca lhe dera, e Adrià pousou os dois e os respectivos cavalos na mesinha de cabeceira para se irem conhecendo melhor.

— Pareces abatido.

— Após três anos a estudar teologia — disse Ardèvol, pensativo — ainda não percebi o que é que realmente te interessa. A doutrina da graça?

— Não respondeste à minha pergunta — insistiu Morlin.

— Não era uma pergunta. A credibilidade da revelação cristã?

Morlin não respondeu e Fèlix Ardèvol insistiu:

— Porque é que estudas na Gregoriana se a teologia não te...

Ambos se tinham afastado da fila de estudantes que faziam o caminho de regresso da universidade à residência. Excepto pelas diatribes dos professores mais exigentes — sobretudo de Levinski, professor de Revelação Divina, que considerava que Fèlix Ardèvol não avançava

naquela cadeira de acordo com as expectativas que todos tinham depositado nele — em dois anos de Cristologia e Soteriologia, de Metafísica I, Metafísica II e Revelação Divina, Roma não tinha mudado muito. Apesar da guerra que convulsionava a Europa, a cidade não era uma ferida aberta; apenas empobrecera um pouco mais. Entretanto, os estudantes da Pontificia Università prosseguiam os seus estudos, alheios ao conflito e aos respectivos dramas. Nem todos. E iam adquirindo sabedoria e virtude. Nem todos.

— E tu?

— A teodiceia e o pecado original já não me interessam. Não quero mais justificações. Não concebo que Deus permita o mal.

— Há meses que suspeitava.

— Tu também?

— Não, suspeitava que davas demasiadas voltas. Limita-te a observar o mundo, como eu. Divirto-me muito na Faculdade de Direito Canónico. Relações Jurídicas entre a Igreja e a Sociedade Civil, Sanções da Igreja, Bens Temporais da Igreja, Carisma dos Institutos de Vida Consagrada, Direito Consuetudinário Canónico, etc.

— O quê?!

— Os estudos especulativos são uma perda de tempo; o estudo dos regulamentos é um descanso.

— Não, não! — exclamou Ardèvol. — Eu gosto de aramaico, sinto paixão pelos manuscritos e por compreender as diferenças morfológicas entre o neo-aramaico bothan e o neo-aramaico judeu barzani. Ou o porquê do koy sanjaq surat ou o mlahso.

— Sabes uma coisa? Não sei de que falas. Nem parece que estudamos na mesma universidade. Nem na mesma faculdade. Será que estamos os dois em Roma? Hein?

— Não importa. Só não queria ter o pater Levinski como professor, mas adoraria saber tudo o que se sabe sobre o caldaico, o babilónico, o samaritano, o...

— Para quê?

— E para que é que serve saber a diferença entre casamento rato, consumado, legítimo, putativo, válido e nulo?

Desataram os dois a rir no meio da Via del Seminario. Uma senhora vestida de escuro levantou a vista algo surpreendida, por ver dois

jovens capelães na risota, ignorando as normas mais elementares do decoro.

— Porque é que estás tão pensativo? Agora sim, é uma pergunta.

— E a ti, o que é que realmente te interessa?

— Tudo.

— E a teologia?

— Faz parte de tudo — respondeu Morlin, levantando os braços, como se se preparasse para abençoar a fachada da Biblioteca Casanatense e as duas dezenas de pessoas que ali passavam descontraidamente. Depois, acelerou o passo. Fèlix Ardèvol teve dificuldade em acompanhá-lo.

— Pensa na guerra da Europa — prosseguiu Morlin, apontando energicamente em direcção a África. E em voz mais baixa, como se temesse a presença de espíritos:

— A Itália tem de se manter neutral porque a Tripla Aliança é um pacto puramente defensivo — disse a Itália.

— Nós aliados ganharemos a guerra — responde a Entente Cordiale.

— A mim, só me interessa a palavra dada — proclamou solenemente a Itália.

— Prometemos-te as regiões irredentistas de Trento, da Ístria e da Dalmácia.

— Repito — insistiu a Itália ainda mais solene e virando os olhos — que a posição honesta da Itália é a da neutralidade.

— De acordo, mas só se te associas hoje mesmo; amanhã já não dá, hein? Se te associas hoje, terás o grupo irredentista em pleno: o Alto Adige, Trento, Veneza Júlia, a Ístria, Fiume, Nica, a Córsega, Malta e a Dalmácia.

— Onde é que assino? — respondeu Itália. E com os olhos brilhantes: — Viva a Entente! Morte aos impérios da Europa Central! E já está, Fèlix, a política é assim. Tanto uns como os outros.

— E os grandes ideais?

Félix Morlin deteve-se e olhou para o céu, disposto a proferir uma frase lapidar:

— A política internacional não tem nada a ver com os grandes ideais internacionais, mas sim com os grandes interesses internacionais. E a Itália percebeu isso perfeitamente: pôs-se do lado dos bons, que somos

nós, vem a ofensiva a Trento, arrasando a maravilhosa dádiva de Deus que são os seus bosques; contra-ataque, batalha de Caporetto, trezentos mil mortos, o Piave, rotura da frente em Vittorio Veneto, armistício de Pádua e a criação do Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, uma invenção mirabolante que nem um par de meses vai durar, por muito que lhe chamem Jugoslávia; e arrisco-me a profetizar que as regiões irredentistas são a cenoura que os aliados já se preparam para retirar. E a Itália, cá com um melão! E como os outros não vão deixar de andar à bulha, a guerra nunca há-de acabar completamente. Entretanto, fica-se à espera do verdadeiro inimigo, que ainda não acordou.

— E quem é ele?

— O comunismo bolchevique. E se não acreditas, falamos daqui a uns anos.

— Onde é que aprendes tudo isso?

— Lendo os jornais, ouvindo as pessoas certas. É a arte do contacto eficaz. E se soubesses como é triste o papel do Vaticano nestas questões...

— E a que horas é que estudas o efeito espiritual dos sacramentos na alma e a doutrina da graça?

— Isto também é estudar, querido Fèlix. É preparar-me para ser um bom servidor da Igreja. A Igreja precisa de teólogos, políticos e inclusivamente de iluminados como tu que observam o mundo com uma lupa. Em que pensas?

Caminharam em silêncio durante uns instantes, de cabeça baixa, cada um entregue aos seus pensamentos. Subitamente, Morlin estacou e disse nããooooo!

— O que é que foi?

— Já sei o que é que tens! Já sei porque é que estás assim.

— Ah, sabes?

— Sei: estás apaixonado.

Fèlix Ardèvol i Guiteres, estudante do quarto ano da Pontificia Università Gregoriana de Roma, aprovado com louvor e distinção nos dois primeiros anos lectivos da sua brilhante estadia na cidade de Roma, abriu a boca para protestar, mas voltou a fechá-la. Veio-lhe à cabeça a segunda-feira a seguir à Páscoa de Ressurreição, no fim das férias da Semana Santa quando, ao deambular pela cidade depois de ter

acabado a dissertação sobre Vico e o seu *verum et factum* reciprocantur seu convertuntur e a impossibilidade de compreender o Todo — ao contrário de Félix Morlin, o anti-Vico, que parecia entender todos os movimentos estranhos da sociedade —, atravessou a Piazza di Pietra e a viu pela terceira vez. Esplendorosa. Umhas três dúzias de pombos formavam uma barreira entre ambos. Ele aproximou-se e ela, que levava um embrulho na mão, sorriu-lhe e o mundo tornou-se mais radioso, delicado, generoso e puro, naquele preciso instante. E ele processou um raciocínio lógico: a beleza, tanta beleza, não pode ser obra do demônio. A beleza é divina, e o sorriso angelical também, claro. E lembrou-se da segunda vez que a vira, quando Carolina ajudava o pai a descarregar o carro diante da loja. Como podiam obrigar as costas delicadas de um anjo a suportar aquelas caixas de madeira a transbordar de maçãs? Não podendo tolerar semelhante abuso, Fèlix Ardèvol foi ajudá-la e, com a cumplicidade irónica do macho que mastigava a palha do bernal, descarregaram três caixas; descarregaram-nas, em conjunto e em silêncio, ele contemplando a paisagem infinita dos olhos dela, numa tentativa sobre-humana de evitar olhar o incipiente declive do decote; e todos os presentes na loja de Saverio Amato permaneceram em silêncio porque ninguém sabe que fazer quando um padre da universidade, um *prete*, um sacerdote, um seminarista, arregaça a santa sotaina e se põe a fazer de moço de recados, observando a filha do fruteiro com aquele olhar suspeito. Três caixas de maçãs, uma dádiva de Deus em tempos de guerra; três momentos deliciosos junto à beleza e depois, olhando em redor, aperceber-se de que estava dentro da loja do Signor Amato, dizer buona sera e desaparecer sem ousar voltar a olhá-la; e a mãe dela saiu e pôs-lhe nas mãos duas maçãs vermelhas, que o fizeram corar porque lhe passou pela cabeça que podiam ser os maravilhosos seios de Carolina. Ou talvez estivesse pensando na primeira vez que a viu, Carolina, Carolina, Carolina, o nome mais bonito do mundo, uma rapariga ainda sem nome, que caminhando diante dele, torceu o tornozelo, soltando um grito de dor; coitadinha, quase caiu ao chão. Naquela ocasião, estava ele com Drago Gradik, que, ao cabo de dois anos de ter entrado na Faculdade de Teologia, tinha crescido um bom meio palmo, aumentado seis ou sete arráteis de carne e há três dias que só vivia para preparar a argumentação ontológica de Santo Anselmo, como se nada

mais houvesse no mundo — como por exemplo a beleza daquela dulcíssima criatura — para demonstrar a existência de Deus. Drago Gradnik foi incapaz de perceber a terrível dor resultante daquela torção de pé, mas Fèlix Ardèvol pegou delicadamente na perna da bela Adalaisa, Beatriz, Laura, pelo tornozelo, para ajudá-la a pousá-lo no chão, e no momento em que lhe pegava na perninha, uma corrente eléctrica mais forte do que a dos arcos voltaicos da exposição universal percorreu-lhe a coluna vertebral; e quando lhe perguntou dói-lhe, signorina, sentiu um desejo imperioso de abraçá-la e tomá-la urgentemente para si; pela primeira vez na vida Fèlix Ardèvol sentia um desejo sexual tão urgente, doloroso, implacável e aterrador. Entretanto, Drago Gradnik olhava para outro lado, pensando em Santo Anselmo e noutras vias mais racionais para demonstrar a existência de Deus.

— Ti fa male?

— Grazie, grazie mille, padre... — disse a voz doce dos olhos infinitos.

— Se Deus nos deu inteligência, é porque a fé e o raciocínio não são incompatíveis. Não é, Ardevole?

— Come ti chiami (minha maravilhosa ninfa)?

— Carolina, padre. Grazie.

Carolina, que nome tão belo; não podias chamar-te de outra maneira, amor.

— Ti fa ancora male, Carolina (beleza sem paliativos)? — repetiu, afligido.

— A razão. Atingir a fé através da razão. É heresia? Hein, Ardevole?

Teve de a deixar sentada no banco, porque a ninfa, intensamente ruborizada, jurava que a mãe estava prestes a passar por ali. Os dois estudantes retomaram o passeio e, enquanto Drago Gradnik aventurava no seu latim nasalado que talvez São Bernardo não fosse tudo na vida, e que talvez a palestra de Teilhard de Chardin pretendesse fazer-nos reflectir sobre o assunto, Fèlix Ardèvol deu consigo levando a mão à cara, na ânsia de encontrar uma réstia de aroma da pele da deusa Carolina.

— Apaixonado? Eu? — fitou Morlin, que o observava, trocista.

— Tens todos os sintomas.

— Como é que sabes?

— Já passei por isso.

— E como é que tiraste esse peso de cima? — Tom ansioso de Ardèvol.

— Não tirei; impus-me a mim próprio e acabei com a paixão.

— Não me escandalizes.

— É a vida. Sou pecador e arrependo-me.

— A paixão é infinita, nunca acaba. Eu não seria capaz...

— Meu Deus, estás pior do que eu pensava, Fèlix Ardevole!

Ardevole não respondeu. À sua frente, três dúzias de pombos, na segunda-feira a seguir à Páscoa da Ressurreição, na Piazza di Pietra. Aquela sensação de urgência aflitiva impeliu-o a atravessar a selva de pombos para alcançar Carolina, que lhe entregou o embrulho.

— Il gioiello dell’Africa — disse a ninfa.

— E como é que sabe que eu...

— Passa por aqui todos os dias, todos os dias.

Naquele instante — Mateus, vinte e sete, cinquenta e um — o véu do Templo rasgou-se em dois, de cima a baixo, a terra tremeu, as rochas esfarelaram-se, abriram-se os sepulcros e muitos dos corpos dos santos que neles repousavam ressuscitaram.

Mistério de Deus e do Verbo de Deus encarnado.

Mistério de Maria, Virgem e Mãe de Deus.

Mistério da fé cristã.

Mistério da Igreja humana e imperfeita; divina e eterna.

Mistério do amor de uma jovem dama que me oferece um embrulho que repousa há dois dias sobre a mesa do cinquantaquattro e que só ao terceiro dia ousei desembulhar. É uma caixinha fechada. Meu Deus. Estou à beira do abismo.

Esperou até sábado. A maioria dos estudantes estava nos respectivos quartos. Alguns tinham ido passear, outros encontravam-se numa das bibliotecas da cidade onde vasculhavam, indignados, respostas sobre a natureza do mal e sobre a razão pela qual Deus o permite, sobre a indigna existência do demónio, sobre a correcta leitura das Sagradas Escrituras ou sobre o aparecimento da neuma nos cantos gregoriano e ambrosiano. Fèlix Ardèvol estava sozinho no cinquantaquattro; nenhum livro sobre a mesa, nada fora do seu lugar porque se alguma

coisa o fazia perder a cabeça, era a indignidade da profusão desordenada de objectos transformados em bugigangas, objectos fora do sítio, que o olhar ficasse preso a coisas que não estavam bem expostas, que... Pensou que talvez estivesse a tornar-se um maníaco. Eu acho que estava. A coisa deve ter começado naquela época em que o pai estava obcecado com a ordem material. Acho que a incoerência intelectual não o incomodava muito. Mas, para ele, era simplesmente inadmissível e imperdoável deixar um livro sobre a mesa em vez de o arrumar na sua prateleira, ou deixar um papel esquecido sobre um radiador. Não permitia nada que ferisse a vista e andávamos todos na linha, sobretudo eu, que todos os dias, todos os dias, tinha de arrumar os brinquedos com que brincava; só o xerife Carson e Águia Negra se salvavam porque dormiam clandestinamente comigo e o pai nunca chegou a saber.

Por isso, o cinquantaquattro estava sempre um brinquinho. E Fèlix Ardèvol, de pé, observava através da janela o fluxo das sotainas dos que entravam e saíam da residência. E um coche que passava pela Via del Corso com alguns segredos inconfessáveis e indignos no interior da cabina fechada. E o rapaz que arrastava um balde de metal, fazendo um estrépito desnecessário, indigno. A verdade é que tremia de medo e por isso tudo o indignava. Sobre a mesa, um objecto imprevisto, um objecto ainda sem lugar destinado. A caixinha verde que Carolina lhe oferecera com um gioiello dell’Africa dentro. O seu destino. Fèlix Ardèvol jurara a si próprio que, quando o campanário de Santa Maria desse as doze, teria atirado a caixinha para o lixo, ou já a teria aberto. Ou ter-se-ia suicidado. Das três, uma.

Porque uma coisa é viver para o estudo, traçar um caminho no apaixonante mundo da paleografia, no universo dos manuscritos antigos; aprender línguas que ninguém fala porque há séculos que ficaram congeladas em papiros bafientos, mas que são a única janela aberta para a memória; distinguir a paleografia medieval da antiga; congratular-se por o mundo ser tão grande que, quando se aborrecesse, poderia começar a esquadrihar o sânscrito e as línguas asiáticas, e se alguma vez vier a ter um filho gostaria que...

E porque é que estou a pensar em ter um filho?, pensou Fèlix Ardèvol, irritado; irritado não, indignado. E voltou a olhar para a caixinha, solitária, sobre a mesa brilhante do cinquantaquattro. Fèlix Ardèvol

sacudiu um fio imaginário da saia da sotaina, passou o dedo na pele irritada pelo colarinho e sentou-se à mesa. Faltavam três minutos para as doze badaladas de Santa Maria. Inspirou fundo e tomou uma decisão: para começar, não se suicidava. Pegou cuidadosamente na caixinha, como uma criança que, segurando num ninho que tirou de uma árvore, o leva à mãe para lhe mostrar os ovos esverdeados ou as pobres crias, dizendo eu dou-lhes de comer, mãe, não te preocupes, vou dar-lhes muitas formigas. Ou como o cervo sedento, oh, Senhor. Sem saber como, estava certo de que os seus actos criavam uma aura de irreversibilidade na sua alma. Dois minutos. Com dedos trémulos, tentou desapertar a fita vermelha, mas o nó apertava-se cada vez mais, não porque a pobre Carolina o tivesse dado mal, mas pelo seu nervosismo. Levantou-se, aflito. Um minuto e meio. Foi ao lavatório e pegou na navalha da barba. Abriu-a apressadamente e seccionou cruelmente a fita com o vermelho mais bonito que tinha visto em toda a sua já longa vida, porque, aos vinte e cinco anos, se sentia velho e cansado, desejando que aquelas coisas não lhe acontecessem a ele, que acontecessem ao outro Félix, que parecia saber mandar tudo para trás das costas sem... Espera aí! A boca seca, as mãos suadas, uma gota que lhe desce pela face, que faria se estivesse calor! Faltam dez segundos para as badaladas de Santa Maria in Via Lata darem o meio-dia. E enquanto em Versalhes um grupo de caloiros avisava que a guerra tinha acabado e contava que, enquanto os beligerantes assinavam o armistício com a língua de fora pelo esforço que faziam, também accionavam os mecanismos para permitir que, ao cabo de alguns anos, rebentasse outra deslumbrante guerra, mais sangrenta e mais propensa ao mal, que Deus nunca teria permitido, Fèlix Ardèvol i Guiteres abriu a caixinha verde. Titubeante, retirou o algodão cor-de-rosa e, no preciso instante em que soava a primeira badalada, Angelus Domini nuntiavit Mariae, desatou num pranto.

Era relativamente fácil sair da residência sem ser visto. Tinha-o feito amiúde e com total impunidade na companhia de Morlin, Gradnik e de mais dois ou três colegas de confiança. A indumentária laica abria muitas portas em Roma; ou abria outras portas diferentes das que abriam

as sotainas. Vestidos como qualquer cidadão, podiam visitar todos os museus que o decoro lhes proibia quando trajados de sotaina. Conseguiram tomar café na Piazza Colonna e noutras ainda mais longe, observando os transeuntes; e mais de uma vez Morlin levou o seu prezado discípulo a visitar pessoas que, segundo ele, tinha de conhecer. E apresentando-o como Fèlix Ardevole, um sábio que domina oito línguas e para quem os manuscritos não têm segredos, conseguia que os estudiosos lhe abrissem as caixas-fortes e lhe permitissem examinar o manuscrito original de *A Mandrágora*, uma preciosidade, e uns trémulos papiros relacionados com os macabeus. Mas no dia em que a Europa fez as pazes, o sábio Fèlix Ardevole saiu, pela primeira vez, sozinho, às escondidas das autoridades da residência e dos seus amigos. Com a camisola e um gorro que disfarçava o seu ar clerical, foi direito à frutaria do Signor Amato para fazer guarda; e as horas passavam, ele com a caixinha no bolso, vendo circular os transeuntes despreocupados e felizes por não padecerem da sua febre. Nem a mãe de Carolina, nem a irmã mais nova. Ninguém, excepto o seu amor. O gioiello era uma medalha tosca, com a gravura rudimentar de uma virgem românica e ao lado, uma árvore enorme, uma espécie de abeto. E atrás, a palavra «Pardàc». Seria africana? Seria uma medalha copta? Porque chamei meu amor se não tenho direito a... e o ar fresco tornava-se irrespirável. Começavam a soar os sinos e Fèlix, que ainda não estava informado do fim da guerra, pensou tratar-se da homenagem que todas as igrejas de Roma tinham decidido fazer ao seu amor furtivo, clandestino e pecaminoso. E as pessoas estranhavam e detinham-se, possivelmente à procura de Abelardo, mas, em vez de olharem e apontarem para ele, tentavam perceber a razão pela qual todos os sinos de Roma repicavam às três da tarde, que não é hora de repiques; que estaria a suceder? Meu Deus, e se a guerra tivesse acabado?

Foi quando apareceu Carolina Amato. Saiu de casa, com a sua cabeleira curta, esvoaçante, atravessou a rua e dirigiu-se precisamente para onde Fèlix, que se julgava perfeitamente camuflado, se encontrava à espera dela. E já diante dele, Carolina fitou-o com um sorriso radiante, mas silencioso. Ele engoliu em seco, apertou a caixinha no bolso, abriu a boca, mas não disse nada.

— Eu também — respondeu ela. E volvidas muitas badaladas: — Gostaste?

— Não sei se posso aceitar.

— O gioiello é meu. Ofereceu-mo o meu tio Sandro, quando nasci. Trouxe-o do Egipto. Agora é teu.

— O que é que os teus pais vão dizer?

— Não vão dizer nada. Era meu e agora é teu. É um penhor meu.

E segurou-lhe a mão. A partir deste momento, o céu caiu sobre a terra e Abelardo concentrou-se no tacto da pele de Heloísa, que o arrastou para um vicolo anónimo, repleto de porcária, mas com aroma a rosas de amor; e fê-lo entrar pelas portas abertas de uma casa deserta, enquanto os sinos repicavam e uma vizinha gritava à janela nuntio vobis gaudium magnum, Elisabetta, la guerra è finita! Mas os dois amantes estavam prestes a começar uma batalha vital e não ouviram a proclamação.

II

DE PUERITIA

*O bom guerreiro não pode apaixonar-se constantemente
por todas as squaws que encontra no seu caminho,
por muito que elas se embelezem com pinturas de guerra.*

ÁGUIA NEGRA

3

Não me olhes com essa cara. Sei que invento coisas, mas o que digo não deixa de ser verdade. Por exemplo, acho que a lembrança mais antiga que tenho do meu antigo quarto, dedicado à História e à Geografia, é de mim querendo construir uma casa debaixo da cama. Não era incómodo, era, sobretudo, divertido porque me permitia ver os pés dos que entravam e diziam Adrià, filho, onde estás, ou Adrià, o lanche. Onde se meteu? Lembro-me de que era divertidíssimo. Pois, eu andava sempre aborrecido, porque a minha casa não era uma casa pensada para as crianças, nem a minha família era uma família pensada para as crianças. A mãe não contava e o pai só vivia para as suas compras e as suas vendas, e eu ficava roído de ciúmes quando o via acariciar uma gravura ou um jarro de porcelana fina. E a mãe... a mãe sempre me tinha parecido uma mulher constantemente em guarda, alerta, olhando para todos os lados, apesar de contar com a cumplicidade de Lola Xica. Só agora é que me apercebo de que era o pai que a fazia sentir-se uma estranha em casa. A casa era do pai e ele fazia-lhe o favor de a deixar viver nela. Quando o pai morreu, ficou mais descontraída e a expressão de desassossego desapareceu; mas mesmo assim, evitava fitar-me. Mas mudou muito, com a morte do pai. Pergunto-me porquê. Também me pergunto por que teriam casado. Não acredito que alguma vez se tenham amado. Nunca houve amor em nossa casa. Eu fui uma mera consequência circunstancial na vida dos dois.

É curioso: quero contar-te tantas coisas e ando aqui às voltas, perdendo tempo com reflexões que ressuscitariam Freud. Talvez seja tudo por causa da relação que tive com o meu pai. Talvez por ele ter morrido por minha culpa.

*eu
confesso*

FOI COMPOSTO EM CARACTERES
HOEFLER TEXT E IMPRESSO PELA
GUIDE, ARTES GRÁFICAS,
EM PAPEL CORAL BOOK DE 70 GRS,
NO MÊS DE MARÇO DE 2015.